

GÊNERO E SEXUALIDADE OFERTADOS EM UM CURSO DE EXTENSÃO: OUTROS MODOS DE VIVENCIAR A UNIVERSIDADE.

Autor(1): Jairo Barduni Filho; Co-autor(1): Frederico Cordeiro Martins; Co-autora(2): Roberta Lúcia de Sousa; Co-autora(3): Luana Costa da Fonseca Gonçalves

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) jairobardunifilho@gmail.com
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Frederico.martins@uemg.br
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) robertalucia007@hotmail.com
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) luanacfg96@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa apresentar parcialmente os resultados parciais do projeto de extensão: *Debatendo diversidade sexual e de gênero na escola por meio de documentários: um modo de endereçamento visando à formação continuada das(os) estudantes* do edital PAEX 01/2018. Trata-se de um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Unidade de Cláudio-MG, com a participação de 38 cursistas e após 3 encontros já realizados, mês de maio, junho e agosto, solicitamos as cursistas que escrevessem sobre suas impressões do que elas já tinham visto, lido e ouvido nos encontros através de documentários sobre gênero e sexualidades e das discussões já feitas a respeito, as narrativas coletadas é o que o leitor poderá conferir na escrita deste artigo.

Palavras-chave: Extensão, Gênero, Sexualidades, Pedagogia.

Introdução

O projeto *Debatendo diversidade sexual e de gênero na escola por meio do cinema: um modo de endereçamento visando a formação continuada dos educadores* tinha como proposta inicial a formação continuada de professores, diretores e coordenadores (público alvo) do ensino básico na cidade de Cláudio/MG, através do uso do cinema, enquanto artefato cultural. Contudo, mesmo após termos elaborado um edital de chamamento de inscrição, inclusive em cidades vizinhas, não obtivemos retorno positivo, os possíveis motivos para as não inscrições podem ser vários: desinteresse, cultura tradicional e religiosa da região, falta de comunicação entre as secretarias de educação e as escolas, etc. Deste modo, como alternativa e para não deixar de realizar a extensão, resolvemos alterar o quesito público alvo, direcionamos assim o projeto para as alunas do curso de Pedagogia da UEMG. Com a divulgação por e-mail e também pessoalmente nas salas de aula tivemos um retorno suficiente para iniciarmos os encontros uma vez por mês (sábados). Entendemos que o projeto se *justifica* pela própria condição histórica de preconceito e exclusão para com os sujeitos possuidores de uma identidade sexual tida como “anormal”, exclusão esta que afeta estudantes e até professores com a prática de *bullying* homofóbico entre outras práticas

danosas. O histórico a respeito da construção da homofobia será melhor descrito no referencial.

O projeto está na “ordem do dia” no que tange a necessidade de debate nas escolas e pode ser considerado *integrado*, já que ele não deixa de ser um desdobramento do projeto de extensão intitulado: O fenômeno *bullying* como uma interface da violência escolar - Trabalhando ações de prevenção e combate, com duas escolas públicas do município de Cláudio-MG, do edital PROIMPE 02/2017 sob minha orientação, na ocasião, minhas orientandas e eu obtivemos dados de que o *bullying* nas escolas, ou já tinha sido trabalhado de forma esporádica ou não havia histórico de ações de combate. Este projeto visa convidar novamente os professores, diretores e coordenadores das duas escolas já contempladas, para que possam participar das sessões de filmes e documentários que versam sobre orientação sexual, relações de gênero, *bullying* homofóbico, sexismo e machismo, logo, é possível considerar este um projeto complementar ao já realizado em 2017.

O curso de Pedagogia de Cláudio-MG possui uma demanda por parte dos (as) estudantes em conhecer mais do assunto, não há uma disciplina optativa que abarque os temas de gênero e sexualidades. Lembrando que pela resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE, N° 1 de 2006), as atividades docentes devem: “demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras”. (p.2). Bem como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), a discussão de gênero e orientação sexual também aparece como um dos eixos transversais a serem trabalhados desde o início da escolarização.

Objetivo

O objetivo deste projeto de extensão é apresentar as impressões das cursistas sobre os encontros aos sábados apontando os dilemas, tabus e importância deste curso para elas.

Um breve contexto sobre a história da sexualidade.

Nos séculos XVII e XVIII, foi instituído o que Foucault denomina de “história do homem de desejo”, ou seja, a relação de poderes com os jogos de verdade. Para Foucault (1988), desde a ascensão da Era Cristã, a sexualidade na sociedade ocidental tem seu espaço reservado dentro do arcabouço repressivo. Com a homossexualidade (tida como um desvio)

ainda foi pior: posta dentro do arsenal de perversões que devem ser banidas da sociedade. Em uma recapitulação histórica, Teixeira e Coelho (1996) diziam, por exemplo, que qualquer sexualidade já havia sido condenada pela Igreja desde a Idade Média, inclusive os atos sexuais para procriação. Como bem apontam os autores, o que diferenciou sexualidade na antiguidade clássica e na Idade Média foi a intensidade e a intenção. A ideia, por exemplo, do casamento, só foi consagrada como uma sexualidade “normalizada” e autorizada pela Igreja depois do século XII. A partir desse momento, o sexo sem finalidade de procriação era tido como digno de punição.

De acordo com os autores: “A diferença dos diálogos [platônicos] para os dogmas [religiosos medievais] é o desaparecimento da ideia de possibilidade por sua substituição por estruturas formais de controle, como foi o caso da criação dos Tribunais Eclesiásticos” (p. 64-65). O casamento, assim, tornou-se “um mal necessário” (p. 60) e intrinsecamente vinculado com a legitimidade do sexo como procriação. Além do mais, tornou-se a instituição reforçadora de preceitos dogmáticos da Igreja a partir da queda do império romano. A sexualidade (fora dos padrões), fora assim alijada das normas eclesásticas ao ser classificada como luxúria, fornicação e, em especial, sodomia. Essas concepções sofreram variações de acordo com cada teólogo e, de acordo com Vauchez *apud* Teixeira e Coelho (1996), “variou, também, de acordo com as ‘escolhas’ feitas diante da vasta herança bíblica.” (p. 60).

Sobre este momento, Foucault (1988) esclarece que essa prática cristã de nomear e classificar o sexo como uma “morfologia cristã pautada no racionalismo escolástico” faz parte de uma *hipótese repressiva* como uma estrutura constitutiva dos modos de se pensar a sexualidade na modernidade. Nessa repressão, ao contrário de uma época de caça às bruxas ou das sexualidades desviantes medievais, na Idade Moderna, passou-se a presenciar uma “aparente repressão” dos indivíduos que se reflete nos discursos de sua sexualidade. Na verdade, o que houve de fato foi à instalação de mecanismos de incitação: prazer e poder. Como a psicanálise tanto sustentou que ao coibir, ela incita. Esse mecanismo de incitação exacerba a fala sobre a sexualidade que está presente nas cotidianas construções de subjetividades, pelo indivíduo. A *hipótese repressiva* de Foucault (1988) sustenta a existência de uma *scientia sexualis*, que além de se referir às perversões ligadas ao sexo, também se ligava aos imperativos morais, e se consolidou através das classificações pelas normas médicas, e que por meio de seu emblemático *sistema panóptico* (um sistema arquitetônico de vigilância e controle dos corpos “indóceis”) influencia nas construções de Escolas, sanatórios e fábricas, entre outros locais de controle das sexualidades, desejos, e comportamentos. Oficializa a incorporação das vigilâncias vizinhas para contenções e controles sociais. O autor esclareceu que a repressão,

mais do que o controle direto, foi mais efetiva na internalização da necessidade de contenção dos impulsos sexuais.

Da direção espiritual à psicanálise, os dispositivos de aliança e de sexualidade, girando em torno do outro, de acordo com um lento processo que tem hoje mais de três séculos, inverteram suas posições, na pastoral cristã, a lei da aliança codificava essa carne que se estava começando a descobrir e impunha-lhe antes de mais nada, uma armação ainda jurídica com a psicanálise, é a sexualidade que dá corpo e vida às regras da aliança, saturando-as de desejo. (FOUCAULT, 1988, p. 107).

Assim “a contra reforma, ou a nova pastoral cristã, tem como pressuposto o dever fundamental e a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra” (FOUCAULT, 1988, p. 24). Ou seja, não existe uma *hipótese repressiva* no sentido de censura, não existe uma lei que interdita, sobretudo por motivo de “interesse público”, novos mecanismos foram pensados para se por em funcionamento o discurso sobre o sexo, segundo Foucault (1988): “Censura sobre o sexo? Pelo contrário, constituiu-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia” (p.29).

Deste modo, a hipótese foucaultiana a respeito do efeito contrário da repressão e que passou a incidir sobre as sexualidades, comprova-se no legado da genealogia sexual que, por volta do século XVIII, nasce de forma a incitar política, técnica e economicamente os discursos sobre sexualidade, a fim de se obter uma análise de censo/contabilidade adquirida por meio de pesquisas quantitativas ou causais. O sexo estaria deste modo, sob o crivo da administração Estatal.

Contudo, algumas mudanças de discursos podem ser percebidas. De acordo com o autor, enquanto no século XVII a preocupação era com o sexo e o desvio de comportamento sodomita a ser punido inclusive com morte, no século XIX o foco incide sobre o desejo, e o sodomita é transformado em “homossexual”, uma patologia a ser tratada.

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos. A sodomia dos antigos direitos civis ou canônico era um tipo de ato interdito e o autor não passava de um sujeito jurídico. O homossexual do século XIX tornasse uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida, também é morfologia com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no final das contas, escapa à sua sexualidade. A homossexualidade no final das contas escapa à sua sexualidade. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferido, da prática da sodomia, para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1988 p. 43).

E de que forma os perversos, como são classificados pelos psiquiatras do século XIX? Como estes resolvem o “problema” das “aberrações” de que são perseguidos pela mecânica do poder? De acordo com Foucault (1988), a maneira estratégica encontrada para se resolver este “incômodo” foi à seguinte: “especificação, distribuição regional de cada uma delas. Trata-se, através de sua disseminação, de semeá-las no real e de incorporá-las ao indivíduo” (p.51). Ao longo dessa genealogia da sexualidade, Foucault (1988) discorre a respeito de uma biopolítica da população, em que vários mecanismos formalizados são utilizados no intuito de controlar o discurso oficial, como o nível de saúde, de morte e de vida. O autor mostra que, se no século XVII imperou uma simbologia de sangue (punição por guilhotina ou fogueira), a sociedade ocidental transformou-se em uma sociedade analítica da sexualidade no século XIX. Ou seja, o homossexual substituiu o sodomita, o que antes era um sujeito jurídico à espera da sentença do Santo Ofício, tornou-se um sujeito doente, um sujeito portador de uma anomalia. Essa abordagem passa a ser cunhada por um tipo de certeza e curiosidade pela *sciencia sexualis*. As sexualidades nesta *sciencia* correspondem às exigências funcionais do discurso que deve produzir sua verdade.

Cinema - documentários e a importância de se trabalhar o tema da sexualidade e gênero com os educadores.

A vida cotidiana mesmo envolvida em repetições e rotinas é construída em meio a tramas e invenções que fazem do cotidiano uma dimensão rica e singular que não se restringe em nenhum conceito engessado de controles e normatizações. As dinâmicas de vida que se processam no cotidiano são fluidas, inesperadas, dinâmicas e inseguras, o que produz, por sua vez, resistências no que se refere a abordar a vida cotidiana por meio dessas dinâmicas em devir.

Considerado por esse aspecto das intensidades nômades e anômalas a compõem territórios instáveis, os encontros no cotidiano podem – para além das estabilizações identitária - produzir estranhamentos e fomentar temores pelo abalo das estabilidades instituídas.

A vida cotidiana é assim, um palco de complexidades, onde diferentes redes de sentido compõem formas variadas e práticas diversas. Nesse sentido, Ferraço (2007) aponta, quando pensa em termos dos espaços escolares e não escolares, que pesquisar no cotidiano é pensar em um ambiente onde as práticas se dão de formas concomitantes, ou seja, não se pode pensar isoladamente currículo, planejamento, plano político pedagógico (formação acadêmica) sem

considerar as tessituras das redes cotidianas praticadas pelos praticantes da escola. Desse modo, quando pensamos nas tramas vivenciais nas escolas em relação aos temas gênero, sexualidades, homofobia, machismo, não podemos pensar ações apenas vinculadas ao âmbito de sala de aula sem pensarmos também nas possíveis práticas pedagógicas nos espaços extraescolares. Estas últimas, são modos de interferir nos outros processos dinâmicos que ocorrem no interior da escola. Assim, o importante é pensar e seguir as possibilidades pedagógicas ofertadas para problematizar as discussões e ações pedagógicas realizadas no interior da escola. Tendo em vista inclusive que cada ambiente é trançado em diferenciadas redes, as quais, por sua vez, são passíveis de se interligarem proporcionando um mosaico de alianças, inclusões, exclusões, paralisações e jogos de poder. É nesse sentido que entendemos a vida cotidiana, não como um local específico e delimitado, mas sim como um processo; dessa forma, “consideramos cotidiano o próprio movimento de tessitura e partilha dessas redes. As redes não estão no cotidiano. Elas são o cotidiano!” (FERRAÇO, 2007, p.78).

Assim, a presente pesquisa/extensão que possui como foco o encontro entre o cinema e a escola, abordando temas tão importantes e contemporâneos para o cotidiano escolar, visa pensar os sujeitos em sua complexidade, ressaltando as singularidades buscando assim, compreender como redes de inclusão, exclusão e preconceitos são produzidos, e se do mesmo modo que estas se constroem, estas também podem ser desconstruídas e modificadas. As diversas práticas escolares, por exemplo, são compostas no emaranhado dessas redes de subjetivação por preconceitos e resistências a estes preconceitos. É bom ressaltar que a escola ainda padece de práticas resistentes a temas como as discussões para relações de gênero e sexualidades, tendo em vista que tais temas são ainda incipientes nos mecanismos de poderes escolares como o currículo, como o plano político pedagógico, nas regras disciplinares, na espacialização educacional, nas distribuições de disciplinas e no tempo, que representa um pano de fundo no sustento de todo este aparato pedagógico da ausência para trabalhar a diversidade de gênero e de sexualidade. Isto prova a manutenção do poder interessado em uma sociedade subjetivada para alguns saberes e não outros.

O efeito da produção fílmica nos telespectadores ocorre por modos de endereçamento, que é um termo dos estudos de cinema, que tem um enorme peso teórico e político. Ele é usado por teóricos do cinema para dialogar com questões como “qual é a relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador?” (ELLSWORTH, 2001, p. 12).

Os filmes e documentários, bem como os livros e comerciais de televisão, são feitos para alguém. Os produtores, roteiristas, empresas, visam e imaginam determinados públicos e, algumas vezes, até o desejam, explica Ellsworth (2001). A narrativa estrutural de um filme é

pensada para o público que irá assistir a determinado filme. Um dispositivo cultural e pedagógico com endereço certo para atingir determinada(s) subjetividade(s). A autora ainda explicita que “o modo de endereçamento como um conceito que se refere a algo que está no texto do filme e que, então, age de alguma forma, sobre seus espectadores imaginados ou reais, ou sobre ambos” (Ibidem, p. 13). Ou seja, quanto mais real for o personagem, maior é a chance de ele conquistar fãs na plateia.

O modo de endereçamento não é visível e pode errar o alvo, uma vez que o espectador e a espectadora nunca são apenas aquilo que o filme pensa que eles são, entretanto, para que um filme atribua algum sentido aos seus espectadores, é preciso que eles se envolvam com seu modo de endereçamento, afinal “o modo de endereçamento de um filme está envolvido nos prazeres e nas interpretações dos públicos - inclusive em sua decisão de simplesmente recusar-se a ver o filme” (Ibidem, p. 24).

Metodologia

Entendemos a pesquisa como sendo um modo de agir na prática, logo, sendo também uma possibilidade de extensão. Neste sentido, falar em prática de extensão é lembrar que Freire (1971) apontando que: “O termo extensão, indica a ação de estender e de estender em sua regência sintática de verbo transitivo relativo, de dupla complementação: estender algo a...” (p.20). Portanto, a intenção deste projeto é produzir uma relação dialógica com professores, diretores e coordenadores expandindo o significado de cidadania e direitos humanos com as exposições dos filmes. A pesquisa participante ou pesquisa ação talvez seja um dos caminhos mais adequados para ações de extensão. Isto, pelo fato de que esta metodologia advoga pela pesquisa prática. Como aponta Demo (2008).

Não se trata de qualquer prática, porque generalização excessiva retiraria sua especificidade, sobretudo fugiria do conceito de “práxis histórica”, tomando como história com sujeito capaz de a direcionar, pelo menos parcialmente (...) Pesquisa prática não substitui as outras. Mais que isso, convive com as outras e pode ser unilateralmente como as outras. (p.40).

Logo, a pesquisa participante apresenta a *práxis* social que pode reverter discriminações no cotidiano, já que a educação é um ato político de um agir em prol de um currículo que inclui as diferenças sejam elas de gênero, de classe, de raça, de anatomia, etc.

Resultados parciais e discussão

O assunto é considerado por muitas pessoas polêmico e complexo, sendo ainda um tabu na sociedade atual. As cursistas relataram que o curso está ampliando muito o conhecimento, levando-as a refletir mais nas ações e modos de pensar. Segundo uma cursista *“Para muitas pessoas, falar do assunto gênero e sexualidade já é em si algo constrangedor e absurdo. Constrangedor por muitas vezes causar timidez e até exagerado pudor referente ao assunto e absurdo por ser considerado para muitos, algo tão íntimo que não deve ser comentado ou jamais aprofundado.”* (Maria Cristina Lebron de Sousa – 3º Período de Pedagogia, UEMG Cláudio).

A abordagem de Maria Cristina Lebron de Sousa é de muita relevância, pois aponta o tema gênero e sexualidade como tabu, o que realmente é comum acontecer. As pessoas acreditam ser um assunto reservado e pessoal. A autora Guacira Lopes Louro (2000) em seu livro *O Corpo Educado Pedagogias da Sexualidade*, traz essa ideia, de que há muitos anos a sexualidade foi considerada um assunto privado, a qual deveria ser discutida com alguém íntimo. Mas a partir dos anos de 1960, a discussão sobre os temas gênero e sexualidade foi se tornando cada vez mais presentes na sociedade, principalmente por movimentos feministas, gays e lésbicas, e por todos que se sentiam ameaçados.

Muitos acreditam que a sexualidade é somente uma questão pessoal, e Guacira Lopes Louro (2000) concorda, portanto não apenas pessoal, mas também social e política. E ainda acrescenta que sexualidade é construída ao longo da vida, de várias maneiras e por todas as pessoas.

Uma cursista que preferiu não se identificar acredita também que o assunto ainda é considerado tabu, e que o curso pode ampliar seu conhecimento para que possa romper essa barreira. *“O que mais tem acrescentado, além do conhecimento, é a oportunidade de quebrar antigos preconceitos que, por mais que afirmemos não possuir, temos ocultos e presentes em nós.”*

Em tempos atuais, é muito comum a abordagem do gênero e sexualidade. Estão nas novelas, filmes, propagandas, programas de bate papo, e vários outros tipos de mídia. Apesar de ser presente, uma grande parcela da população acredita que a existência do assunto na mídia não seja apropriada, devido ao fato de possibilidades de influência, principalmente para crianças e adolescentes.

A cursista Sheila Batista Silva - 3º Período de Pedagogia, UEMG Cláudio, faz um comentário neste aspecto, *conforme ela “A mídia cada vez mais aborda essa questão através de novelas, propagandas, cinemas, entre outros. Muitos acham um absurdo abordar esse*

tema nos meios midiáticos, pois acreditam que são inapropriados a algumas faixas etárias, podendo influenciar pessoas”.

Outra consideração apontada por uma cursista foi sobre a questão da formação docente e sua ligação com assuntos que tangem a sociedade, sendo que conforme a mesma *“Os profissionais que atuam na área da educação carregam uma grande responsabilidade, devido ao poder de influências que os mesmos têm sobre os alunos, que muitas vezes se espelham no professor, que além de mediador de ensino, geralmente também vem a ser uma das quais, senão a única, fonte de informação da criança. Pensando nisso, o professor deve estar preparado para suprir as necessidades de seus alunos, por isso, tem de buscar aprender sempre mais, principalmente sobre assuntos relevantes e presentes na realidade das crianças, como o gênero e a sexualidade.”* (Maria Cristina Lebron de Sousa – 3º Período de Pedagogia, UEMG Cláudio.).

Através da fala da cursista percebe-se a importância de se discutir sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar para que se possa entender assuntos relações sociais. Louro (2008) problematiza sobre a sexualidade tratada nos currículos escolares e propõe um estranhamento do currículo:

A ideia é por em questão o conhecimento (e o currículo pôr em questão o que é conhecido e as formas como chegamos a conhecer determinadas coisas e a não conhecer (ou desconhecer) outras (...) No campo da Educação, a ignorância sempre foi concebida como o outro do conhecimento e, então, repudiada. Agora a ideia é compreendê-la como implicada no conhecimento, o que, surpreendentemente, leva a considerá-la valiosa. (p.68).

Nessa perspectiva é necessário que os assuntos que se referem a gênero e sexualidade sejam mais discutidos em todos os espaços sociais, utilizando de diversos veículos de comunicação para ampliar a visão das pessoas acerca do tema. É possível perceber que esse pensamento está sendo fomentado com o curso de extensão, conforme uma cursista *“Sobre gênero se conclui o trabalho que deve se trabalhar e colocar em prática o conceito de diversidade, respeito e as diferenças. O cinema sendo a possibilidade de ver as pessoas de uma forma mais ampla, e de uma maneira mais humana. E, por fim, a sexualidade que reflete sobre a inclusão e aceitação das pessoas na sociedade.”* (Karolaine Barroso Vieira Santos – 1º Período de Pedagogia, UEMG Cláudio.).

Outra cursista também se refere a questão do respeito que deve existir nas relações sociais afim de que se possa compreender as diferenças e aceitá-las. Conforme ela *“As crianças devem compreender, desde muito cedo que pertencem a uma sociedade com diferenças e particularidades e que estas devem ser respeitadas. É notório que as crianças*

são o futuro da nação, sendo assim é essencial que antes de se tornarem grandes profissionais, se tornem grandes seres humanos, capazes de viver e compreender as diferenças que as cercam, sem preconceitos e/ou julgamentos.” (Não se identificou).

É perceptível através das falas das cursistas a necessidade de discutirmos gênero e sexualidade para compreendermos a sociedade em que vivemos e respeitar as diferenças nela existentes, sendo assim o curso de extensão possibilita a ampliação de conhecimentos, permitindo aos cursistas construir uma visão crítica dos fatos.

Conclusões

Apresentamos dados parciais que nos apontam para a viabilidade do projeto de extensão, que, tem despertado a consciência das cursistas para a necessidade de se atentarem para o tema e como o cotidiano é permeado pelas imbricações de poder que gênero produz, no mais, as cursistas sabem que não se trata de uma disciplina e, talvez por isso, a adesão e o prazer de estarem presentes nos encontros de sábado tem chamado a atenção, pois, tudo que escapa as tradicionais aulas universitárias, tem mais chance de produzirem uma experiência que permanece.

Referências Bibliográficas

BRASIL, Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura.** Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In DA SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos** - Brasília: Liber livro editora, 2º edição 2008, 140 pg.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Pesquisar com o cotidiano.** Educação e Sociedade, Campinas, vol. 28, n.98, p.73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação.** Disponível em: http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Livro_P_Freire_Extensao_ou_Comunicacao.pdf acesso em 25 de mai de 2017.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Tradução: João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, nº 19, p 20-28, Jan/Fev/Marc/Abr. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** / Guacira Lopes Louro (organizadora) Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 1ed.; 1 reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Resolução CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11.

TEIXEIRA, Igor Salomão; COELHO, France Maria Gontijo. **Ruptura e continuidade: Para melhor compreender a História do Preconceito à Homossexualidade.** *GLÁUKS – Revista de Letras e Artes*, Viçosa, MG, v. 1, n. 1, p. 53-59, 1996.